



HH356-F – TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA III

PROF. EDGAR SALVADORI DE DECCA

2º SEMESTRE/2013

HISTÓRIA CULTURAL

Utopia e História

O futuro e o passado como alteridade e diferença

É lugar comum afirmar que a palavra Utopia não existia antes de Thomas Morus. O surgimento da Utopia no século XVI, segundo muitos historiadores, deveu-se à recuperação da tradição greco-romana pelo Renascimento, mas também ao descobrimento da América e à Reforma Protestante. Desde o seu surgimento a Utopia tornou-se um conceito que procura ligar o passado, o presente e o futuro em um modelo ideal. Do ponto de vista mais prospectivo, podemos dizer que a Utopia recobre 3 domínios distintos mas interdependentes: o do pensamento utópico, a literatura utópica e as práticas para construir comunidades utópicas.

Contudo, esses três domínios têm algo em comum que deve ser devidamente compreendido. A Utopia, ao contrário das idades míticas, tem uma dimensão absolutamente secular e racionalista e ainda que mantenha aproximações com a escatologia e com o milenarismo, a utopia veio a estabelecer uma nova relação com a história, seja no sentido de negação ou de fim da história ou então na temporalização da utopia em sua relação com a história. Nesse curso interessa-nos explorar tanto o conteúdo crítico da literatura utópica no que diz respeito ao *status quo* vigente, como explorar também a sua dimensão distópica, termo criado por John Stuart Mills para dar conta dos perigos da realização de qualquer projeto utópico de sociedade baseado na perfectibilidade humana.

Levando-se em consideração os 3 domínios da utopia, pretendemos nos aproximar dos textos utópicos que têm a viagem como o seu elemento constitutivo, dos projetos de cidades e comunidades ideais, mas também das distopias e da ficção científica.

Por último, para o desenvolvimento da vertente crítica à utopia, iremos nos aproximar dos textos de John Gray, um crítico contemporâneo das utopias. Uma primeira aproximação aos textos de Gray nos coloca diante de problemas de enorme atualidade.

Resumidamente, poderíamos dizer que, a validade da ideia utópica nunca foi uma unanimidade. Além das críticas elaboradas no século XIX, a utopia recebe no presente uma rejeição considerável. Para John Gray, professor em Oxford, a maioria das utopias, se concretizadas, mostrariam um quadro pior do que a realidade presente. A utopia realizada levaria a um maior empobrecimento de um mundo já imperfeito, mas que mesmo assim faz sentido para a vida das pessoas que nele vivem. Para Gray só poderia ser chamado de utópico um projeto sobre o qual houvesse de antemão uma razoável certeza de que fosse irrealizável. Há quem diga que os projetos utópicos, enquanto eles nunca podem ser alcançados, são valiosos porque eles impulsionam o progresso humano: mas, isso não é um consenso. Pode-se pensar que a tentativa de alcançar o impossível muitas vezes - se não sempre - tem custos



enormes. Mesmo se um projeto tem boas intenções, seu custo sempre supera a sua razoabilidade. Para Gray o humanismo hoje é a ideia de que pode haver, através dos esforços da política, um irreversível avanço semi-cumulativo, que não aconteceu, exceto em ciência e tecnologia, em que os ganhos que foram feitos no passado do conhecimento humano são conservados e multiplicado ao longo do tempo. Todas as variantes da utopia seriam a revelação da falácia humanística de que o homem é capaz de moldar o seu próprio destino e ter o controle do sentido da história. O mito de um final feliz cristão, ou o mito secular, herdado do Iluminismo, de se construir uma sociedade conciliada consigo mesma, persegue as sociedades humanas e nos coloca diante do impasse do fim da história.

Em torno dessas perplexidades colocadas pelo filósofo inglês John Gray, iremos desenvolver um programa de discussão e leituras que coloquem frente a frente os impasses da relação entre a história e a utopia, em suas dimensões políticas e sociais.

BIBLIOGRAFIA

1. MORUS, Thomas – Utopia (várias opções em domínio público)
2. GRAY, John – Missa Negra, Record, 2008
3. GRAY, John - Cachorros de Palha, reflexões sobre Humanos e outros Animais, Record, 2006
4. GRAY, John – Al-Qaeda e o significado de ser moderno, Record, 2004
5. BERLIN, Isaiah – Os limites da Utopia, Cia das Letras, 1991
6. REVISTA MORUS, volumes 1º ao 8º.
7. CLAEYS, Gregory – Utopia: a história de uma idéia, Edições SESC, 2011
8. CIORAN, Emile – História e Utopia, Rocco, 2008
9. ARENDT, Hanna – Entre o Passado e o Futuro, Editora Perspectiva, 1972
10. RANCIÈRE, Jacques – A noite dos proletários, arquivos do sonho operário, Cia das letras, 1988